

PERSPECTIVA ECONOMICA DO EMPREENDEDORISMO

Durante muito tempo as sociedades e as nações se desenvolveram por meio de um elemento tão elementar que foi o conhecimento, que promoveu mudanças em busca do tão almejado progresso, ou pode-se dizer desenvolvimento (DRUCKER, 1998).

Um tema de suma importância no debate econômico é o desenvolvimento que representa um fator crítico do bem estar de toda a sociedade (SEM, 1989). Se tratando de desenvolvimento econômico, uma nação pode avaliar o nível do mesmo pelos números de empresas criadas e pelo número de inovações geradas (LEITE, 2012).

Isto é reflexo das mudanças que estão sendo vivenciadas no contexto das sociedades, que se caracterizaram segundo Drucker (1998), como uma mudança da sociedade agrícola, para industrial e da industrial para sociedade do conhecimento, em que se tem como recurso mais importante é o conhecimento e este só pode ser produzido pelas pessoas, e relações sócias entre as mesmas (MORIN, 2003).

Vale salientar, que tais mudanças ocasionaram uma ruptura no modelo de se promover o desenvolvimento, que na esfera econômica implicou em uma mudança na estrutura econômica relativa a produção, distribuição e concorrência, em um contexto em que o mercado não é mais local e sim global (SANTOS, 1996) e o recurso de valor passa a ser o conhecimento.

Dentro do campo das organizações, isto repercutiu na filosofia organizacional e no direcionamento estratégico adotado pelas empresas (FISHER E FLEURY, 1998), a ponto dos recursos de valor, na mudança da sociedade industrial para a sociedade do conhecimento, deixarem de ser os ativos tangíveis, ou seja, máquinas, terras, e equipamentos, e passassem a ser os ativos intangíveis, ou seja, o conhecimento que as pessoas que fazem parte da organização detém (DRUCKER).

Assim, na sociedade do conhecimento, tem poder e vantagem competitiva quem detém o conhecimento, sobretudo o conhecimento capaz de promover a inovação, inovação que nada mais é do que uma postura

estratégica almejada por muitas empresas, e que tem como ator o empreendedor agente este capaz de promover a diferenciação por meio de um conhecimento inovador.

Desta forma a relação do empreendedorismo com a economia, se dá colocando o fenômeno do empreendedorismo como motor da criação e do crescimento das empresas, bem como do desenvolvimento econômico das nações.

Leite (2012) salienta que até há pouco acreditava-se que desenvolvimento das nações dependia de mão-de-obra barata; matéria-prima abundante e capital disponível. Na sociedade do conhecimento o desenvolvimento passa a depender do conhecimento inovador criado pelas pessoas, ou seja, pelo empreendedor.

Neste contexto, o **empreendedorismo, fenômeno promovido pelo empreendedor**, vem se estabelecendo como um fenômeno marcante na cultura empresarial da sociedade contemporânea, por ser capaz de impulsionar a criação de empresas e o desenvolvimento das mesmas por meio de um conhecimento inovador. Assim, sob essa perspectiva, observa-se o fortalecimento de uma relação entre empreendedorismo e a economia.

Todavia, apesar desta relação está em ênfase na atualidade, cabe salientar que ela existe há bastante tempo, tendo em vista que o termo empreendedorismo tem como raiz a ideia e os estudos desenvolvidos por alguns economistas, sendo a perspectiva econômica a primeira corrente de pensamento empreendedor, cujos precursores da teoria foram Cantillon, Smith, Mill e Say, Schumpeter.

Neste contexto este ensaio intenta discorrer sobre a evolução da perspectiva econômica do empreendedorismo (percussores, escola clássica, neoclássica), entendendo este conhecimento como fundamental para compreender de que modo o empreendedorismo e a economia se relacionam na atualidade.

Desta forma este ensaio inicia-se apresentando a perspectiva econômica do empreendedorismo dos percussores da teoria econômica, segue

apresentando a perspectiva econômica do empreendedorismo na teoria clássica e adentra na visão da teoria neoclássica e por fim posiciona a relação do empreendedorismo com a economia na atualidade.

- Precusores da Teoria Econômica

A palavra 'empreendedor' tem como raiz o termo latim *imprendere*, e chegou aos tempos modernos como uma derivação da palavra francesa *entrepreneur*, que significa: indivíduo que assume riscos e começa algo novo (FILION, 1999).

Foi inicialmente utilizado pelo banqueiro e parisiense, no início do século XVIII, Richard Cantillon, usada para denominar um indivíduo que assume riscos ao agarrar uma oportunidade por meio da criação de um novo empreendimento (FILION, 1999).

Richard Cantillon, considerado capitalista de risco, publicou, em 1755, a obra "Ensaio sobre a Natureza do Comércio em Geral" e se referiu ao empreendedor como um indivíduo que busca a oportunidades de lucro não exploradas e corre o risco intrínseco a sua exploração.

Na visão de Cantillon, os empreendedores compravam matéria-prima - geralmente um produto agrícola - por um certo preço, com o objetivo de processá-la e revendê-la por um preço ainda não definido. (Fillion, 1999)

Ele propôs ainda o desenvolvimento da sociedade em três classes funcionais, empreendedores, proprietários de terra e trabalhadores. Os empreendedores seriam responsáveis pelas mudanças no sistema econômico, posto que assumiriam os riscos necessários ao empreenderem.

- Escola Clássica de Economia

Para os economistas clássicos, a economia é o estudo do processo de produção, distribuição, circulação e consumo dos bens e serviços. A verdadeira fonte de valor encontra-se no trabalho, defendem há não intervenção do Estado na economia e a livre concorrência. Tal pensamento predominou até fins do século XIX (filion)

Nesse ambiente liberal, Smith (1776/1985), considerado o formulador da teoria econômica clássica, vislumbra o empreendedor como aquele que deseja obter um excedente de valor sobre o custo de produção. Assim, o empreendedor seria um proprietário capitalista.

Contudo, os trabalhos de Smith (1776/1985) estavam mais centrados em explicar o crescimento econômico dando pouca ênfase ao empreendedorismo, sendo que dividiam a sociedade em capitalistas e trabalhadores.

Por sua vez, o economista clássico francês Say (1803/2002) realiza uma análise mais detalhada do empreendedor diferenciando função empreendedora e a função capitalista. Ao fazê-lo, ele associou os empreendedores como agentes da mudança. Ele próprio era um empreendedor e foi o primeiro a definir as fronteiras do que é ser um empreendedor na concepção moderna do termo. Fillion

Além disso, defende o pressuposto que o desenvolvimento econômico é proveniente da criação de novos empreendimentos. Dessa forma, o empreendedor se torna um mediador da economia, sendo sua responsabilidade articular a produção de maneira que os meios resultem em um produto final lucrativo.

Cantillon e Say consideravam os empreendedores como pessoas que corriam riscos, basicamente porque eles investiam seu próprio dinheiro.

- Escola Neoclássica de Economia

O pensamento neoclássico surgiu em fins do século XIX. Na concepção dos autores neoclássicos, a economia constitui a ciência das trocas ou das escolhas, sendo condicionada pela escassez dos recursos. Introduziram ainda o conceito de utilidade marginal na teoria da oferta e demanda, segundo o qual as preferências dos consumidores (utilidade) são um dos fatores da procura de bens.

Os neoclássicos mantinham a crença no liberalismo econômico. Esse pensamento dominou o cenário econômico até o aparecimento da crise de

1929. A partir desse período, Keynes (1936/1992) afirmou que a economia não se auto-regula, propondo a intervenção do estado na economia.

As principais bases econômicas do empreendedorismo foram edificadas por Schumpeter (1911, 1985), que em sua obra teoria do desenvolvimento econômico foi o primeiro a associar mais claramente o empreendedorismo com a inovação.

Schumpeter discorreu sobre a representatividade dos empreendedores como propulsores do desenvolvimento econômico.

O autor baseou-se na premissa que sistema econômico de oferta e procura encontra-se em situação de equilíbrio e que o empreendedor tende a romper esse equilíbrio através da inovação processo este definido como destruição criativa. Essa visão de empreendedorismo fixa-se na atribuição à inovação do papel de motor da economia E DA SOCIEDADE.

Para Schumpeter (1911, 1985), a capacidade do empreendedor se dá pela constante busca de novos conhecimentos. O empreendedor visto como o ser que promove a inovação, por meio destes conhecimentos adquiridos.

Portanto, Schumpeter (1911, 1985) define o empreendedor como aquele que promove uma mudança radical destruindo as tecnologias já existentes, é aquele que propõe novidades (inovação).

Para Schumpeter (1911, 1985, p.48) existem cinco tipos de inovações: Introdução de um novo bem (com o qual os consumidores ainda não estejam familiarizados) ou de uma nova qualidade de um bem; Introdução de um novo método de produção, ou seja, um método ainda não testado em determinada área e que tenha sido gerado a partir de uma nova descoberta científica; Abertura de um novo mercado, ainda não explorado, independentemente do fato do mercado já existir ou não; Conquista de uma nova fonte de matéria-prima ou de bens semimanufaturados; Aparecimento de uma nova estrutura de organização em um setor.

Nesse sentido, o empreendedor só existe no momento da inovação.

Logo, observa-se que parte do conhecimento atual acerca do empreendedorismo bem como sua relação com a economia foi sendo construída, ainda que de maneira implícita, no cerne do desenvolvimento do pensamento econômico.

Cabe salientar que tal relação transcendeu a economia e despertou o interesse da comunidade acadêmica, passando a constituir um objeto de pesquisa e/ou ensino de diversas áreas do conhecimento.

Além disto, passou a constituir a filosofia de formação universitária de muitos cursos e passou a ser usada como diretriz base para formulação de políticas econômicas que promovam o desenvolvimento por meio do estímulo a atividade empreendedora.

A mudança dos recursos de valor das sociedades é uma das variáveis que se deve ter em mente. A existência de três épocas diferentes que marcam a evolução dos critérios de competitividade deve ser conhecida como a mudança da era da sociedade agrícola para a era da sociedade industrial e desta para a era da sociedade do conhecimento. Cada uma delas claramente marcada por diferentes fatores de exigências e recursos de valor, em que no decorrer da mudança de uma sociedade para outra mudou-se o paradigma vigente. Essa quebra de paradigma é uma clara demonstração da “destruição criativa” de Schumpeter, demonstrando a sua concepção como bastante atual.

Neste cenário de mudanças foi que a sociedade do conhecimento se instalou e o espírito empreendedor e a gestão empreendedora passou a fazer parte da ciência da administração, passando a ser a nova ordem das organizações ao ponto como salienta (COSTA, BARROS E CARVALHO, 2011) das características e habilidades empreendedoras serem transferidas para as organizações como um imperativo dentro das práticas organizacionais.

Em um movimento em que se desloca o foco da ação empreendedora de um indivíduo para um grupo de indivíduos que por meio do trabalho em equipe e de um comportamento e espírito empreendedor promovem o desenvolvimento econômico e social das organizações.

Nesse sentido o sistema vigente capitalista necessita de empreendedores que gerem riqueza por meio de conhecimentos inovadores,

cujo sucesso vem para aqueles que rompem paradigmas. Na era da sociedade do conhecimento terá vantagem competitiva apenas aqueles que tiverem capacidade inovadora e flexibilidade diante das mudanças. O desenvolvimento econômico das organizações e das nações passa por uma mudança de mentalidade de perceber a visão integrada a cerca do empreendedorismo, da economia e da sociedade, e da necessidade de um ambiente favorável em que se possa promover o espírito empreendedor na sociedade como um todo.